

(...)

LUÍS MACHADO: Em Março de 1977, o Dr. Mário Soares deu início, como todos sabemos, ao processo de candidatura do nosso país à Comunidade Europeia. E em 1985 assinou o tratado da adesão de Portugal à CEE. Como europeísta convicto e apaixonado que sempre se considerou, como é que vê a evolução da Europa, de então para cá e em face do futuro? Que alcance poderá ter o Tratado de Lisboa?

MÁRIO SOARES: Antes de responder propriamente à pergunta que me pôs sobre o actual estado da Europa, disse que, em 1977, eu requeri a integração de Portugal na Europa. Realmente é importante acentuar isto, porque em 1974, com a Revolução dos Cravos, o regime ditatorial, que se prolongou quarenta e oito anos, caiu de podre. O Estado desapareceu e muita gente fugiu. Ficou um Estado dominado por militares. O 25 de Abril foi feito por jovens militares que tiveram a decisão muito corajosa de fazer a revolução. Só que, na maioria, não tinham ideia nenhuma da estrutura do Estado. Esta é que é a verdade. Tinham um programa que era muito vago.

Não queriam mais guerras coloniais e, no dia seguinte, estava muita gente na rua a gritar: «Nem mais um soldado para Angola, nem mais um soldado para parte nenhuma.» Esta é que é a verdade. Apesar de tudo, os homens do MFA tiveram o bom senso de formar um Governo com pessoas responsáveis que vinham das lutas contra a ditadura e que ganharam respeitabilidade em todo o País. Havia três coisas que tínhamos que fazer desde esse primeiro Governo Provisório. Primeiro, acabar com as guerras coloniais; ninguém mais queria combater. Os portugueses não queriam, os soldados já confraternizavam com os movimentos de libertação nas antigas colónias. Era preciso fazer negociações e realizar a descolonização. Depois da descolonização, a outra grande aspiração do povo português era democratizar; mas sair de uma ditadura, com um Estado que não existia, com toda gente amedrontada, a fugir e a não querer tomar responsabilidades, era difícil... A situação foi tão grave que os comunistas, que não tinham nenhuma ideia de tentar dominar o poder, a partir de certa altura pensaram que lhes estava tudo a cair nas mãos e que iam tomar conta disto. Era preciso, portanto, travá-los e dizer:



ROSTOS DA PORTUGALIDADE

Vários;
Luís Machado (org.)

VEGA

| O LIVRO |

Este livro nasce do ciclo de jantares-tertúlia, intitulado «Rostos da Portugalidade», que decorreu de Setembro a Dezembro no Martinho da Arcada, o histórico café da Praça do Comércio, em Lisboa, onde Fernando Pessoa e, mais recentemente, José Saramago têm uma mesa permanentemente reservada, e onde Almada Negreiros declamou o seu «Manifesto Anti-Dantas». O café tem sido dinamizado pelo escritor Luís Machado, que ali levou Mário Soares, Júlio Pomar, Eduardo Lourenço, Manoel de Oliveira, Carlos do Carmo e Ruy de Carvalho. O resultado é este livro, com prefácio de António Valdemar e posfácio de José-Augusto França.

«Sim senhor, vocês têm o vosso papel, mas não através da violência. Não vão aqui fazer uma nova experiência soviética.» E o Cunhal não era o Lenine do final do século XX, nem tinha condições para ser, não podia fazer isso no nosso país. Foi preciso, portanto, travar isso. Também havia um problema económico terrível: o Estado paralisado estava fálido, não tínhamos apoios diplomáticos de nenhuma parte. Era preciso conquistá-los. Perante esta situação, precisávamos de encontrar um caminho que nos desse o desenvolvimento. Por isso era indispensável entrarmos na CEE. Sem isso não podíamos ter continuado num Estado independente, num Estado capaz e com a capacidade de se desenvolver. Foi o que foi feito. Logo no primeiro Governo Provisório, eu delineei um programa que incluía nas linhas mestras a entrada na Comunidade Europeia.

Quando formei Governo, em 1976, ouvi todos os principais economistas deste país na altura. Estivemos um dia inteiro a escutá-los. Tomei nota de tudo o que disseram, um a um. Todos, sem excepção, me aconselharam a não requerer à adesão à CEE. E no fim daquilo, eu fiquei numa situação muito difícil, até porque não tinha argumentos para os contrabater, mas disse isto: «Meus caros amigos, eu ouvi-vos todos, tomei notas de tudo o que vocês disseram, mas quem tem que decidir sou eu, porque eu é que fui o mais votado. Eu represento a maioria do país e tenho uma grande responsabilidade. Ora, apesar dos vossos argumentos, tenho a intuição de que devo requerer a adesão.» Seis meses depois, estavam todos a dizer que eu afinal tinha feito bem. Fiquei radiante com isso, mas a convicção europeísta era para mim uma convicção seríssima, porque desde 1955 – portanto, antes de 1957, em que foi assinado o Tratado de Roma – que havia uma corrente a favor de uma Europa unida como a única maneira de a Europa poder avultar no mundo, dividido em dois grandes blocos. Hoje o mundo não tem dois blocos, tem vários blocos. Nenhum país europeu por si só, por maior que seja, pode ter força para falar ao mundo. Mas a Europa tem força para se impor no mundo, quer no plano económico, quer no plano intelectual, quer no plano científico, quer no plano cultural. Tem essa força. E terá força militar quando tiver organizações militares. Mas para isso é preciso uma Europa política. Eu sou partidário de uma Europa política. E sou partidário, sempre fui, de uma Europa federal. Sou europeísta e federalista europeu e não partilho nada a ideia dessa direita

que diz: «Ai, vamos perder a soberania...» Mas o que é a soberania se não tivermos poder militar e poder económico? O que é que é isso da soberania? É fazermos uma bravata e dizer que vamos combater, porque vêm aí os tanques de alguém que nos quer ocupar e absorver? Isso não tem sentido nenhum na Europa de hoje. Portanto nós temos que ter prestígio dentro da Europa e capacidade de ter a possibilidade de influir nos destinos da Europa. E temos todas as condições para isso.

Falando do Tratado de Lisboa e da Europa actual, eu penso que a Europa vai mal. Em primeiro lugar, porque, realmente, nos anos 70 e 80, nós olhávamos para os dirigentes europeus – De Gaulle, Mitterrandt, Willy Brandt, Olof Palme – e tirávamos o chapéu, porque era gente de grandíssima categoria política e moral. Esta é que é a verdade. Hoje olhamos para os dirigentes europeus e ficamos aflitos. Bem, começo pelo Berlusconi – toda a gente se rirá –, mas se passarmos do Berlusconi para o Sarkozy, ou para a senhora Merkel, que é a menos má de todas (mas apesar de tudo é fraquinha), ou para o Gordon Brown, que é melhor do que o Blair, mas também não chega para tanto, verificamos que não temos grandes vultos na Europa capazes de se impor. E isso é de uma gravidade imensa. Como é que se vai sair disto? Com novas gerações. E há novas gerações que estão a caminho de se estrear na Europa, com novos ideais. O senhor Sarkozy, que fala muito a linguagem da esquerda e depois volta à direita e actua à direita, disse, há pouco tempo, uma coisa que é extremamente interessante, num discurso: «É preciso refundar o capitalismo.» Realmente, sem um novo paradigma económico, nós não podemos sair desta crise. O Obama também o disse e bem. Eu acho que não vamos sair da crise sem um novo paradigma económico. E o que é um novo paradigma económico? É uma economia em que o povo faz a política, porque em democracia manda quem mais ordena. Realmente, é preciso que as pessoas sejam respeitadas e ter como primeiro objectivo ir ao encontro das aspirações delas. O segundo objectivo é criar uma ordem com princípios éticos rigorosos e jurídicos, princípios sólidos, para que não haja as roubalheiras que tem havido neste capitalismo de casino dos últimos anos a que temos assistido, que foi o que trouxe a grande crise. Nós estamos em crise por isso: por haver paraísos fiscais (têm que acabar); por haver pessoas que de repente toda a gente respeita porque são riquíssimos, poderosíssimos, têm fortunas enormes, e no dia seguinte estão falidos, como o senhor Madoff, que já foi condenado e já está na cadeia e vai ficar muitos anos mais. São coisas que nunca tinham acontecido no mundo e que estão a acontecer. Então havíamos de continuar a fazer a mesma coisa que fizemos até agora para termos os mesmos resultados? Realmente, é preciso um novo paradigma, uma nova política, uma nova estratégia europeia, que é económica, mas que é sobretudo política, ambiental e social, sobretudo social.

Se não dermos força às reivindicações sociais dos povos, não podemos ter democracias a sério. Porque a democracia é um regime em que toda a gente fala e toda a gente pode



| O AUTOR |

Luís Machado nasceu e reside em Lisboa há cinquenta e sete anos. Ex-jornalista e crítico de cinema, escritor, actor e organizador de eventos culturais, há mais de três décadas que aposta na divulgação de poesia (em especial, leituras públicas). Quanto a Mário Soares (de quem aqui publicamos um extracto do depoimento) dispensa grandes apresentações, enquanto figura histórica da política portuguesa, homem de letras e ex-Presidente da República.

dizer o que pensa. Quando há pessoas que dizem que a democracia está a ser asfixiada no nosso país, eu rio-me muito, porque considero que isso é dito por alguém que não sabe o que é uma ditadura. A ditadura que nós vivemos durante quarenta e oito anos tem alguma coisa a ver com o actual estado democrático? E alguém aqui tem medo? Bem, há sempre pessoas timoratas, mas isso é outra coisa. Agora, ter medo por poder ir parar à cadeia? Há presos políticos? Há alguém que seja limitado no exercício das suas funções? Se isso acontecesse, era um escândalo, porque toda a gente fala nos jornais. E os jornais estão sempre a dar a ideia de que nós estamos à beira do precipício, mas não estamos. O país é fortíssimo, tem futuro, o país tem duas componentes da sua estratégia que são indispensáveis: uma é fazermos parte da Europa, que é um dos centros de desenvolvimento mundial em todos os planos; e outra é a Comunidade dos Países de Língua Portuguesa, que nós conseguimos depois de treze anos de guerras coloniais. Conseguimos a reconciliação com esses países todos. Todos falam português, a língua oficial de todos é português e não se percebe qual é a importância esmagadora para o futuro desta ideia! Temos relações económicas, sociais, políticas, de solidariedade com todos esses povos. Portanto, nós temos um futuro extraordinário à nossa frente, como sempre tivemos. Não há nenhuma razão para estarmos agora neste pessimismo doentio a dizer: «Isto está tudo mal, isto vai tudo mal.» E depois vêm cá os estrangeiros e dizem: «Mas vocês têm uma cidade extraordinária, um país extraordinário, têm tudo extraordinário, como é que vocês se queixam tanto?» Eu acho que não há razão para isso, realmente não acho. E não me considero especialmente optimista.

Agora, quanto à Europa, tenho algumas preocupações. Penso que vai haver uma evolução com o emergir das novas gerações. A evolução verifica-se no mundo inteiro, na América Latina, na China, na Rússia, no Próximo Oriente, em toda a parte. E nós estamos a senti-la e vamos senti-la mais ainda aqui na Europa, porque os europeus não estão a acompanhar quanto devem o sinal dos tempos. Todavia, acho que a América está a andar mais depressa do que a Europa, embora tenha dificuldades imensas também. (...)